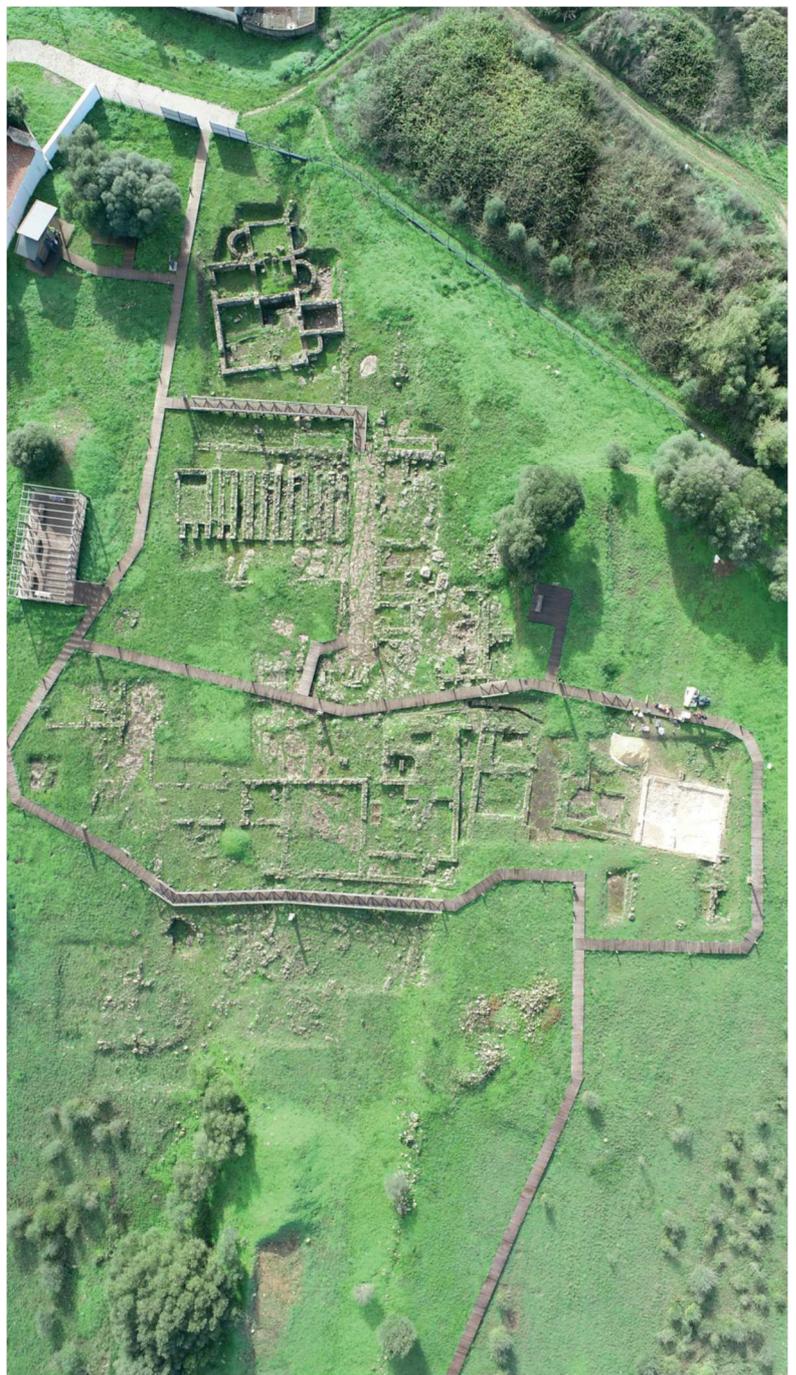


# O NASCIMENTO DO ESPAÇO RURAL

O espaço rural só poderá ser compreendido pelo contraste com a imagem do espaço urbano. Em Cascais remonta ao final do Neolítico, na sequência do nascimento da agricultura, da sedentarização e dos primeiros aglomerados humanos permanentes que ao longo dos séculos tenderiam a alargar as suas áreas de influência, operando uma lenta, mas progressiva transformação da paisagem.

A partir do século I a. C., com a instituição do *municipium Felicitas Iulia Olisipo* pelo imperador romano Otaviano, que atribuiu um território à *civitas* de Olisipo (cidade de Lisboa), a região de Cascais seria ocupada por *villae rusticae*, grandes unidades autossuficientes de produção agropecuária, de que é exemplo a *villa* romana de Freiria. Este tipo de propriedade tipifica a estrutura tripartida preconizada pelos autores clássicos: a *pars urbana*, a *pars rustica* e a *pars fructuaria*, respetivamente dedicadas à habitação do proprietário, às instalações dos trabalhadores e às áreas de armazenamento, produção e transformação.



## AS PRIMEIRAS ALDEIAS

A instabilidade que se fez sentir por todo o império romano a partir do século V conduziu ao abandono de muitas *villae* por parte dos senhores, pelo que os seus antigos servos foram forçados a reorganizar-se em pequenas comunidades rurais, quer os poderes fossem romanos ou visigóticos, o que se prolongou até ao século VIII.

As aldeias que se formaram desde então agrupavam diversas famílias, com as suas casas, hortas, quintais, vinhas e campos, que se dedicavam sobretudo à produção de cereais, de vinho e gado. Porém, com a consolidação da monarquia, durante a Idade Média, grande parte do território ficou na dependência da Coroa e das classes privilegiadas, assistindo-se, depois, à criação de grandes quintas, rodeadas por lugares habitados pelos seus trabalhadores, como sucedeu em Carcavelos ou em Caparide.



# AGROPASTORÍCIA

A agropastorícia, surgida na sequência da domesticação de animais, associou-se desde sempre ao cultivo da terra. É, pois, secular a criação de gado no concelho, que serviria como meio de transporte e no apoio às árduas tarefas agrícolas. Para além da carne, os animais forneciam também leite, peles, lã e até estrume, utilizado como fertilizante.

No início do século XX, entre os bovinos, os animais mais utilizados nas tarefas agrícolas, destacavam-se os bois de raça mirandesa e as vacas holandesas. Já a raça de Oeiras sobressaía no seio dos ovinos, coabitando com muitas variedades de caprinos. No que concerne aos suínos, destacavam-se os cruzamentos de raça bísara. Ao contrário do gado asinino, os cavalos rareavam, sendo predominantemente do tipo do garrano de Sintra. Note-se ainda que, como recordaria Martinho de França Pereira Coutinho, o gado mular era sobretudo utilizado pelos almocreves e moleiros pois, «perfeitamente moldado ao acidentado piso da região, retraçando a pior pastagem e contentando-se sobriamente com mais a diminuta ração, tornava-se, por excelência, o auxílio aos menos abastados».

